

Uma conversa em Praga com Mário Soares



António Tavares
Provedor Santa Casa da Misericórdia do Porto

Aprendi o sentido da política com Mário Soares ao lado do valor que ele mais prezava, a liberdade. Compreendi que só com a liberdade chegamos à igualdade. Só com a igualdade nunca chegámos à liberdade.

Cheguei ao Parlamento no fim do seu Governo de Bloco Central. Era o início do ciclo Cavaco Silva e, pouco depois, tí-

nhamos eleições presidenciais. Lembrou-me de ir a Belém integrado em delegações da JSD ou da Comissão de Defesa. Juntava-se então um tempo para se conversar de tudo, com relevo para a cultura ou para as questões dos mais jovens, e só depois falávamos de política.

Um dia, com outros jovens, decidimos ir apoiar a revolução de veludo a Praga. Saímos de Portugal com a referência que ele queria falar com Dubcek que, tudo apontava, seria o novo líder.

Em Praga, Aguiar Branco iria compreender que o novo líder seria Havel. Ficou acordado que Soares seria convidado para estar na tomada de posse do novo presidente.

No final do ano de 1989, eu, Álvaro Beleza e José Campelo fomos a Praga para representar os jovens portugueses, com

Mário Soares. No dia da tomada de posse soubemos, pela manhã, que Soares não poderia estar na cerimónia porque, quer o embaixador soviético, quer o americano, não aceitavam que fosse o único chefe de Estado presente.

Soares não desarmou e decidiu ir conhecer a cidade enquanto dava indicações para que eu e José Lamego fôssemos à tomada de posse e convidar Dubcek.

De tarde, Soares, com o auxílio de José Lamego para traduzir a conversa, falou com Dubcek de tudo e dos efeitos da perestroika.

Depois de falar naquela noite num comício, que lhe lembrava o gozo dos grandes comícios, ainda intercedeu para que Havel desse a um jornal português a sua primeira entrevista internacional

que, afinal, acabou por não ser publicada.

No dia seguinte almoçamos na Embaixada de Portugal. Foi um momento único de uma conversa entre os presidentes Soares e Havel connosco.

No final, quando nos despedíamos, pedi-lhe para fazer uma fotografia junto ao carro português que tínhamos disponibilizado para a cerimónia.

Foi ele quem se empenhou junto de muita gente para se conseguir comprar o carro. Aprendi ali muita coisa. Falei numa tarde com ele e compreendi como respirava política.

Na véspera daquele ano novo de 1990, separamo-nos em Praga. Dali seguiu para Paris para ir ter com o seu amigo Mitterrand.

Que tempo!